

A MULHER JERIPANKÓ E A RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO IMATERIAL

Yuri Franklin dos Santos Rodrigues¹

José Adelson Lopes Peixoto²

RESUMO: Este trabalho descreve o papel da mulher na aldeia indígena Jeripankó – Localizada no alto sertão de Alagoas - e suas relações com o território imaterial. O principal objetivo dessa descrição é destacar as atribuições femininas dentro das atividades de um determinado ritual intitulado de Festa do Cansação, onde a presença da mulher é marcante e essencial dentro das atividades presentes nesse ritual sagrado, onde o mesmo serve como fortalecimento identitário desse povo. No primeiro momento foi realizada uma pesquisa de campo com observação participante (fotografias, vídeos, conversas informais, diário e caderno de campo) e no segundo momento ocorreu um levantamento bibliográfico onde o artigo está embasado, entre os autores escolhidos então: AMORIM (2003); GUEIROS e PEIXOTO (2016); HERBETTA (2011); SANTOS (2015) e SILVA (2015). No embasamento teórico usado buscou-se entender o funcionamento do ritual e seus significados para a comunidade.

Palavras- chave: Atribuições. Feminino. Ritual.

Considerações Iniciais

Perceber o papel da mulher no ritual do povo indígena Jeripankó é exercitar a capacidade de observar os detalhes menos aparentes nos elementos que compõem um evento religioso e essencialmente dominado pelas figuras dos homens para, a partir daí, encontrar o protagonismo da mulher à medida que ela estabelece suas relações com o território imaterial. Para isso, tomamos como alvo da investigação o ritual denominado de Festa do Cansação onde se sobressaem às atribuições femininas e a sua presença é essencial para a realização do referido ritual. Assim, a pesquisa vem sendo realizada através de observação participante, desde 2016, com produção de fotografias, vídeos, conversas informais, anotações em diário e caderno de campo, estabelecendo um profícuo diálogo com a pesquisa bibliográfica que compõe o quadro teórico.

Considerações à cerca do lugar: um olhar sobre o aldeamento e seu entorno

O povo Jeripankó está localizado no município de Pariconha, no sertão de Alagoas. A aldeia indígena encontra-se a aproximadamente 6 km do centro da cidade, sendo que boa

¹ Graduando em História na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL - Campus III, Palmeira dos Índios. Membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas- GPHI-AL. E-mail: yurirodrigueshis@gmail.com

² Doutorando em Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco, Professor Auxiliar na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas- GPHI-AL. Orientador. E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br

parte do percurso até a referida aldeia é em uma estrada com solo arenoso e pedregoso bastante comum na região. A vegetação é típica da caatinga, onde se mostra clara durante todo percurso até a comunidade; a seca castiga essa região há um ano, segundo os moradores, isso torna a criação de animais e a plantação um sonho distante para os membros desse aldeamento, exceto quando as chuvas do inverno se fazem presentes, o que não é frequente.

Antes da chegada à aldeia avista-se um aglomerado de casas; são construções de alvenaria tendo a cobertura com telhas de barro, fazendo assim anular a superada ideia de casas à base de palhas. Algumas dessas moradias estão distantes do conjunto que se situa no centro da comunidade. Nesse mesmo centro localiza-se uma quadra para prática de esportes, duas igrejas e a escola que oferta a educação básica, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio; para isso, conta com o quadro de professores indígenas e não indígenas.

Avista-se em alguns lugares da aldeia um espaço vazio onde parece não ter significado para aqueles que o vêm pela primeira vez, mas é ali onde ocorre a prática da religião indígena, ou seja, é naquele local que acontecem os rituais daquele povo. Tal espaço é denominado de Terreiro. Os Jeripankó “Consideram o terreiro como um espaço que possui um conjunto de forças [...]” (AMORIM, 2010, p. 91), imateriais e encantadas.

Entre os índios Jeripankó nota-se um alto grau na taxa de natalidade, perceptível pelo fato de ter um grande número de crianças na aldeia, ao contrário disso não é visível uma grande quantidade de idosos; a maior parte da população é de adolescentes e adultos, em sua maioria a aldeia é formada pelo sexo feminino, percebe-se isso pelo grande número de mulheres que acompanham os rituais.

Pelo fato do aldeamento está estabelecido em uma região onde a seca castiga durante todo o ano, os moradores, em períodos de seca, tendem a perder a esperança na agricultura ou na pecuária como forma de obter o sustento da família, isso é nítido quando olhamos em seus olhos, porém existe ali, acima de tudo, o sentimento de pertencimento àquele lugar, onde suas raízes foram se fixando ao longo dos anos e suas histórias são constantemente contadas; em contradição com a seca esse sentimento floresce a cada dia no povo Jeripankó.

Jeripankó: uma identidade forjada no universo religioso

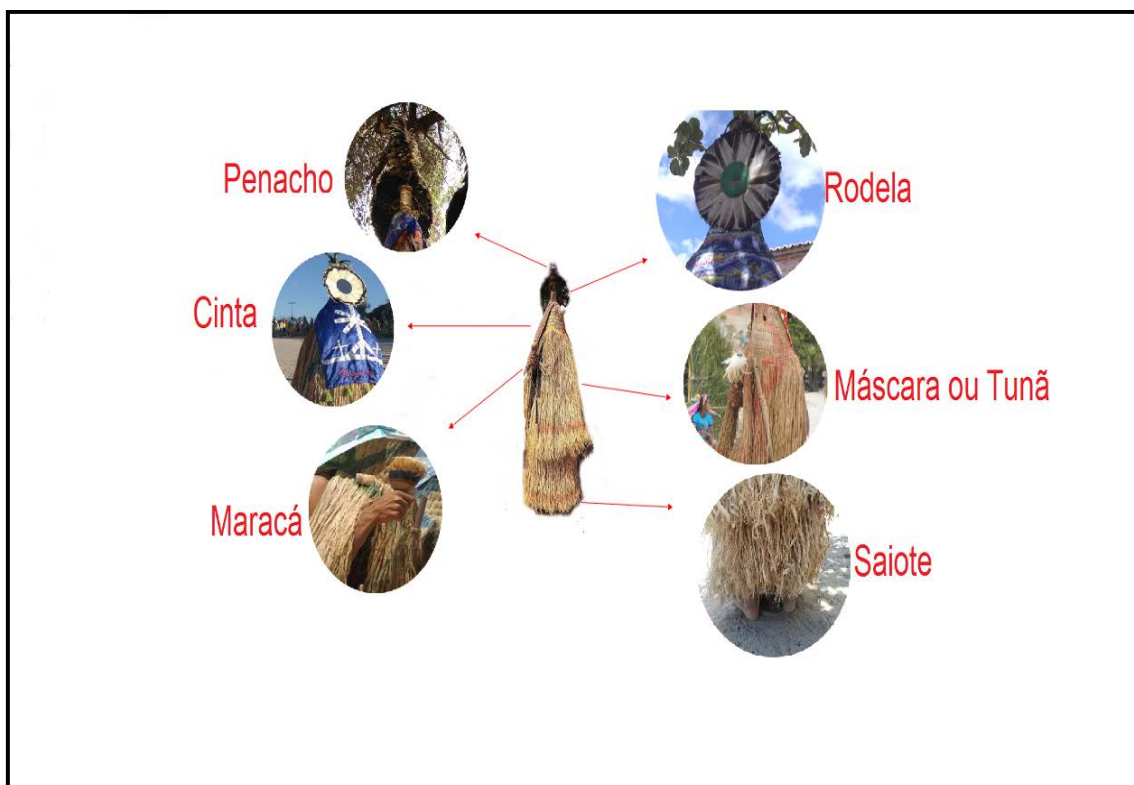
O povo Jeripankó, é originário do tronco Pankararu do aldeamento Brejo dos Padres que se localiza entre os municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão de Pernambuco. Em Alagoas, essa comunidade tem seu início com José Carapina e sua esposa Izabel que se descolaram até o município de Pariconha e, após sua vinda, alguns dos seus familiares começaram a fazer o mesmo trajeto e dessa forma criaram um aldeamento e atribuiu-se o etnônimo Jeripankó.

Para manutenção da atividade religiosa Jeripankó são usadas expressões com a dança do Toré, o ritual Menino do Rancho – ritual que serve como pagamento de promessa – e a Festa do Umbu. Com isso, esse povo indígena tenta se aproximar dos Encantados, “entidades espirituais ligadas aos antepassados que ainda em vida se transformaram em energia e, hoje, intervêm na comunidade a fim de auxiliar os sujeitos”. (HERBETTA, 2011, p.14)

Diante disso, precisa-se de um local adequado para realização dos rituais relatados acima, a dança do Toré pode ser realizada em qualquer local, até fora da própria aldeia, porém o ritual Menino do Rancho e a Festa do Umbu devem ocorrer no local onde se encontra o Terreiro; em frente a esse espaço localiza-se o Poró, “o ícone da resistência religiosa dos Jeripankó. É um espaço simples e pequeno, mas que assume grandes proporções enquanto elemento simbólico da religião indígena.” (GUEIROS; PEIXOTO, 2016,p. 3)

Para execução dos rituais citados anteriormente se faz necessário que os encantados se materializem no Praiá. Os Praiás são vestes sagradas que só os homens podem usar, desde que pratiquem a religião e tenham uma boa conduta dentro das atividades, porém para ser o moço que veste o Praiá é necessário fazer obrigações e interdições, como por exemplo, ficar sem ter qualquer relação sexual, sem ingestão de álcool por alguns dias antes e depois do ritual. O traje sagrado é dividido em seis partes que são denominadas de Penacho, Cinta, Rodela, Máscara ou Tunã, Saiote e Maracá. A fotografia a seguir mostra onde cada uma dessas partes se encontra.

Foto 1 O Praiá



Fonte: Acervo do autor

Todos os rituais dos Jeripankó que acontecem no Terreiro contam com a presença dos Praiás e Cantadores³, o exemplo disso é a Festa do Umbu, ritual que é dividido em três partes onde a primeira parte acontece geralmente em dezembro, quando amadurece o primeiro fruto do umbu. A primeira atividade é o que eles chamam de a Flechada do Umbu, consiste em acertar uma flecha no fruto do umbuzeiro, que é disposto em um pequeno pacote envolto com folhas de mamona e peso a uma haste de galhos, semelhante a uma pequena trave. Na ocasião, os Praiás se colocam em fila indiana e sob o comando do pajé, a uma distância de mais ou menos 5 metros, vão se alternando nas tentativas. Se, por acaso nenhum deles acertar o alvo, o pajé convida pessoas da comunidade para participar da tentativa. O segundo momento é a Puxada do Cipó, esse ritual consiste na formação de dois grupos de Praiás e padrinhos puxando cada um em lados opostos do cipó, no Terreiro, a equipe que conseguir puxar a outra por alguns metros ganha a brincadeira. “Dizem os mais velhos que esse ritual é para prever a safra dos alimentos. Se o grupo vencedor for do lado oeste, a safra vai ser boa, caso contrário, não terá muitas chuvas durante o ano [...]” (SILVA, 2015, p.18). A última parte é a Festa do Cansação ou Queima do Cansação.

³ Indivíduos que à frente do ritual, executam os cantos e, através do maracá definem o ritmo das performances.

A Festa do Cansanção, inicia-se no primeiro sábado após o carnaval e se estende por quatro finais de semana. Os preparativos para o evento acontecem no sábado, com os Praiás no Poró, tomando banho de ervas e se defumando e durante a noite, por volta de dez horas eles saem do Poró em vão direto para o Terreiro, dançam vários Torés e retornam de onde saíram.

Percebe-se durante a noite, com céu bastante estrelado, a chegada de algumas caminhonetes (tipo de carro que serve para o transporte de pessoas nessa região) com diversos indivíduos vindos de outras aldeias vizinhas, como Kalankó, Katokinn e Karuazu, entre outras da região, pertencentes ao mesmo tronco formador (Pankararu). Muitas dessas pessoas dormem ao lado do Terreiro ou passam a noite acordadas, dançando Toré, a espera do amanhecer do dia de domingo, quando acontece o ápice do ritual. Nesse momento, o sentimento de pertencimento é visível, pois é necessário tal sentimento e envolvimento com aquele mundo sagrado para passar a noite ao relento, na poeira, dormindo sobre um simples tecido que é colocado sob o chão de terra batida ou mesmo em uma rede que é armada nas poucas árvores que existem em volta.

Nessa atividade, os observadores são das mais variadas idades, desde crianças de colo até anciãos, porém em nenhum rosto se percebe marcas de cansaço, desconforto ou preocupação. Ressalta uma alegria de fazer parte daquele mundo religioso. É uma identidade latente, que contagia e que vai sendo transmitida a cada geração ali presente.

No domingo, o ritual recomeça por volta de nove horas da manhã, os Praiás saem do Poró, onde passaram a madrugada, e voltam para o Terreiro, dançam novamente alguns Torés e sob o comando dos Cantadores, saem em cortejo a uma construção próxima, a tapera, uma cozinha improvisada, onde vão pegar os pratos com a comida – arroz, pirão e carne de bode. Cada um com seu prato na mão, retorna ao Terreiro, guiado pelos Cantadores que conduzem pratos maiores (dando a ideia de prato coletivo) atravessam o Terreiro em uma performance no sentido norte-sul e leste-oste, lembrando uma cruz. Essa performance é chamada de encruzar o Terreiro. Feito isso é permitido que todos comam, iniciando com os visitantes e convidados e à seguir, a comunidade.

Foto 2 Encruzamento dos pratos



Fonte: Acervo

PEIXOTO,2016.

A fotografia acima apresenta outro momento extremamente importante para o ritual. Ao centro, de camisa branca um dos membros do cortejo ergue o prato de comida acima da sua cabeça, em um ato que pode ser visto como pedido de bênçãos e agradecimento, enquanto que os Cantadores, com maracá e campião nas mãos, benzem os pratos. O cortejo é ladeado pelo Pajé, Sr. Elias Bernardo e seguido pelos Praiás que, cada um, com seu prato nas mãos, circulam o Terreiro e o atravessa em forma de cruz (o encruzamento). É com muita frequência que se nota o uso da cruz nos rituais Jeripankó. Sobre o uso da cruz, Santos relata que:

[..] a cruz foi colocada como símbolo nos rituais para ter a liberdade de cultura, o que não se pode dizer de sincretismo quando divindades se homogeneízam no sagrado porque não há substituição de divindades indígenas do povo Jiripancó por divindades católicas. (SANTOS, 2015, p. 44)

Dessa forma a utilização da cruz foi apenas uma estratégia usada pelas populações indígenas para realizar seus rituais sem serem incomodados pelos colonizadores. Diferente das concepções cristãs que a vem como o madeiro onde o Salvador foi crucificado, os indígenas a concebem como um elemento que liga o mundo material ao mundo espiritual, uma espécie de portal.

No ritual são realizadas oferendas, que é ofertada apenas pelas mulheres. Essas oferendas podem ter três tipos de finalidades: para o Encantado dono do Terreiro (com isso ela está pedindo proteção ou cura para alguma doença) pode oferecer para algum Praiá e também para algum padrinho. Geralmente a oferenda é composta por um cesto de cipó, contendo açúcar ou rapadura, umbu e alguns outros frutos como laranja, banana, melão, melancia e até refrigerantes. As fotografias a seguir ilustram o momento da oferta e do recebimento.

Foto 3 Entrada dos cestos no Terreiro



Fonte: Acervo do autor

Foto 4 Praiá recebendo cesto



Fonte: Acervo do autor

Na foto nº 3 observa-se um grupo de mulheres, à frente do cortejo, a maioria trajando saias longas, transportando as oferendas para ao Terreiro. Essas mulheres, além desse papel, também dançam na Queima do Cansação, quando ocupam alternadamente um espaço entre Praiás durante as voltas que dão no Terreiro.

Na foto nº 4, o Praiá se curva sobre o cesto que lhe foi oferecido e com o maracá, encruza a oferenda. É um momento marcado por muita simbologia e religiosidade, pois naquele espaço o sagrado se materializa sob a forma da oferenda, do Terreiro e do Praiá.

Nesse evento, a quantidade de participantes é algo que chama atenção, pois são inúmeros. A atenção maior é para as mulheres que se equiparam em quantidade aos padrinhos, denotando claramente seu protagonismo nos circuitos de rituais que formam a Festa do Umbu. Depois de dar três voltas dentro do Terreiro, os Praiás formam um círculo por fora enquanto que as mulheres vão formando pares com os Padrinhos dentro desse círculo. Os cânticos continuam embalados pelo som das maracás e das flautas. Os casais vão girando no centro à medida que os Praiás vão fechando o espaço dos dançadores. Inevitavelmente esse é o objetivo, pois dá nome ao evento; os ramos de cansação vão tocando à pele dos dançadores, provocando bolhas, e posteriormente coceira. Durante essa execução, a cantoria torna-se mais eufórica e uma nuvem de poeira cobre o Terreiro, lhe conferindo um ar de mais misticismo que contagiam participantes e plateia. Após a constatação de que da queima do cansação, os ramos são depositos no centro do Terreiro e alguns Praiás os amassam com os pés. Nesse momento, visto de fora, parece uma brincadeira dos Praiás, mas simbolicamente é um Encantado que pisa na planta transformando-a ou reduzindo-a a condição de vegetal

ressignificado pela ação divina, pois será convertido em remédio para combater algumas doenças.

Fronteira e Protagonismo: onde está a mulher no ritual Jeripankó ?

A participação feminina nos rituais Jeripankó é específica; as mulheres assumem funções que variam de acordo com cada atividade religiosa. A presença é mais forte nos rituais Menino do Racho e na Festa do Cansação, onde mostram sua força e importância. A cozinha, em todas as expressões religiosas daquele povo, fica sob sua responsabilidade, algumas senhoras deixam seus familiares um ou dois dias antes do evento para se dedicarem a preparação da comida que é oferecida nos rituais aos participantes, convidados e visitantes. Extremamente envolvidas com os afazeres, porém demonstrando grande alegria e senso de importância do seu papel, ficam reclusas, na tapera, se debruçando sobre enormes panelas com os itens que compõem o café e o almoço do enorme batalhão.

A tapera, trata-se de um ambiente muito rústico, as paredes não são revistadas e algumas possuem tijolo aparente. Não existem balcões, armários ou pias. O fogão é substituído por pedras que servem de apoio às panelas e acomodam as toras de lenha que cozinham o alimento. Tais fogareiros, chamados de trempe, por terem três pedras como base ainda são comuns no Nordeste brasileiro e nos rituais indígenas, conferem identidade ao lugar. São dispostos aleatoriamente no espaço que tem uma parte aberta para circulação do ar, saída da fumaça e por onde as pessoas recebem os pratos com as refeições.

No ritual Menino do Rancho a mulher tem sua participação definida também como madrinhas e noiva, Gueiros e Peixoto relatam essa participação;

As madrinhas, por sua vez têm a função de acompanhar a noiva. São escolhidas e convidadas duas mulheres, geralmente de casas diferentes, que se paramentam com uma espécie de coroa de tiras de papel colorido e pintam as pernas, os braços e o rosto com a tinta branca extraída do tauá (barro branco) [...] (GUEIROS; PEIXOTO, 2016, p.8)

As mulheres assumem papéis importantes, que vão desde a colocação dos cestos com oferendas – Festa do Cansação - o preparo da comida, a atuação com Cantadoras, a execução das funções de noiva ou de madrinha, a confecção de roupas do Menino do Rancho, até protagonismos maiores como mães ou zeladoras de Praiás, o que nos infere afirmar que o ritual não existiria sem elas. Assim, convém destacar a sua importância para a aldeia e para seus eventos religiosos.

Tais observações refutam a ideia da mulher com papéis relegados aos cuidados com a casa, com os filhos ou atividades externas como as de benzedeiras ou de parteiras. Percebe-se,

nos rituais que a presença feminina se dá nas mais variadas faixas etárias e, crianças e adolescentes vão sendo introduzidas nos rituais, o que garante a continuidade dessa tradição.

FOTO 5 A mulher no ritual



FONTE: Acervo do autor

A fotografia acima traz a caracterização da mulher no ritual da Festa do Cansanção, observa-se no seu semblante a alegria de participar dessa atividade. A sua roupa recatada, convenção ou exigência do ambiente religioso que é o Terreiro, as pinturas que ligam sua pertença àquele universo ritualístico vão criar a atmosfera necessária para dar a mulher Jeripankó um espaço de destaque na construção de sua religiosidade, na sua formação identitária e na certeza de que as novas gerações serão educadas no prazer e no compromisso de ser Jeripankó.

Considerações finais

Esta pesquisa, por sua complexidade e caráter singular vem se converter em um instrumento de visibilidade do papel da mulher no ritual indígena Jeripankó, comunidade oriunda do tronco Pankararu que se formou a partir de concepções de extrema valorização do papel do homem e de negação da participação feminina.

Não se pretende, com essa pesquisa, incentivar uma tomada de poder ou qualquer reivindicação do protagonismo feminino. Espera-se, apenas, direcionar os holofotes da pesquisa para a participação que já existe, é iluminar, através desse olhar, a percepção e tornar visível a presença feminina no Terreiro e no ritual, enfocando que a ação do Encantado é extensiva ao homem na mesma medida que à mulher que prepara o prato, oferta o cesto ou faz a promessa. Trata-se, pois de um trabalho de exercício do olhar para além do que aparece no primeiro plano, para os bastidores do ritual.

Referências

AMORIM, Siloé Soares de. **Os Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Katokim**: resistência e ressurgência indígena no alto sertão Alagoano. Tese (doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

GUEIROS, Lucas Emanuel Soares; PEIXOTO, José Adelson Lopes. **NOS DOMÍNIOS DE ANDORINHA**: considerações sobre o pagamento de promessa. In **Mnemosine**. Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Vol. 7, N. 1, jan/mar 2016, p.111-126

HERBETTA, Ferraz Alexandre. **Peles Braiadas**: modos de ser Kalankó. Tese de doutorado em Ciências Sociais (Antropologia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2011.

SANTOS, Cícero Pereira Dos. **TERRITÓRIO E IDENTIDADE**: processo de formação do povo indígena Jiripancó. Monografia do curso de Licenciatura Indígena de Alagoas – CLIND, pela Universidade Estadual de Alagoas, 2015.

SILVA, Ana Claudia da. **JERIPANKÓ**: história ritual e cultura. Monografia do curso de Licenciatura Indígena de Alagoas – CLIND, pela Universidade Estadual de Alagoas, 2015.